

## EFEITOS DA ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL DE CRIANÇAS SOBRE A PERCEPÇÃO DE OUTRAS QUALIDADES DELAS<sup>1</sup>

Sadao Omote  
*Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília*

**RESUMO** – As pesquisas têm mostrado notáveis efeitos da atratividade física facial (AFF) sobre a percepção e relações interpessoais. Neste estudo foi investigado o efeito da AFF de crianças sobre a percepção de outras qualidades delas. Trinta e quatro estudantes universitários indicaram, numa lista de 50 adjetivos, 10 qualidades que mais bem caracterizavam cada uma de 3 três crianças apresentadas através de fotografias. As fotografias eram de crianças com atratividade alta (AA), atratividade moderada (AM) e atratividade baixa (AB). As fotografias AB receberam mais citações de adjetivos negativos que as fotografias AM ( $p < 0,05$ ). As fotografias AM receberam mais citações de adjetivos negativos que as fotografias AA ( $p < 0,02$ ). Não houve efeito significativo do sexo das crianças. Pode-se concluir que as crianças mais atraentes foram percebidas mais favoreavelmente que as menos atraentes.

**Palavras-chave:** atratividade física, percepção social, crianças.

### EFFECTS OF CHILDREN'S PHYSICAL ATTRACTIVENESS ON THE PERCEPTION OF THEIR OTHER CHARACTERISTICS

**ABSTRACT** – Research has shown remarkable effects of physical attractiveness on interpersonal perception and relations. In this study the effect of physical attractiveness of children on the perception of their other features was investigated. Thirty-four female college students pointed out in a list of 50 adjectives 10 most characteristic features of each of three children presented through photographs. The photographs portrayed a highly attractive (HA), moderately attractive (MA) and low attractive (LA) child. The LA photographs received more negative adjectives than MA photographs ( $p < 0,05$ ). MA photographs received more negative adjectives than HA photographs ( $p < 0,02$ ). There was no significant effect of gender of the child. It may be concluded that more attractive children were more favorably perceived than less attractive ones.

**Key-words:** physical attractiveness, social perception, children.

---

1. O autor contou com Bolsa de Pesquisador Visitante do CNPq.

Endereço: Departamento de Educação Especial, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Caixa Postal 420, 17500 – Marília, SP.

A aparência física pode ser uma importante fonte de estímulos para a percepção e relações interpessoais. A roupa que uma pessoa usa, as diferentes partes do seu corpo, a postura, o penteado e adereços variados que utiliza podem informar muita coisa a respeito dela. Enquanto interagem, as pessoas olham principalmente para os rostos umas das outras. O rosto pode ser considerado o item mais importante no estudo das influências da aparência física (Argyle, 1976).

A atratividade física é, seguramente, uma das dimensões da aparência física que tem grande relevância em diversas situações de atração e interdependência entre as pessoas. Entretanto, o estudo da atratividade física não despertou interesse dos psicólogos durante muito tempo. Um primeiro estudo psicológico da atratividade física foi relatado há 70 anos (Perrin, 1921), mas somente nas últimas duas décadas esse assunto passou a merecer atenção sistemática de pesquisadores. Perrin estudou a atratividade física geral, mas os estudos atuais de atratividade se referem quase que exclusivamente à face.

Há muitas maneiras diferentes de se estudar a atratividade física facial (AFF), mas a expressiva maioria das investigações tem procurado estudar os efeitos da atratividade de uma pessoa sobre a percepção e o julgamento que os outros fazem acerca de variadas características daquela pessoa, bem como efeitos sobre a interação com ela. Há também estudos que tentam evidenciar a existência de uma relação direta entre o grau de atratividade e a presença de diversas qualidades positivas na pessoa, procurando demonstrar que não se trata meramente de estereótipos acerca de pessoas bonitas ou feias.

De um modo geral, as investigações realizadas têm demonstrado que à alta AFF tendem a ser associadas outras qualidades ou condições favoráveis. A alta AFF pode levar os sujeitos a perceberem na pessoa uma série de qualidades positivas e a baixa AFF pode levá-los a perceberem nela uma série de qualidades negativas (Miller, 1970).

Em situação escolar, a atratividade física de alunos pode influenciar o julgamento que o professor faz do desempenho acadêmico deles. Num estudo realizado por Ross e Salvia (1975), professores examinaram laudos de alunos com dificuldades escolares. Esses professores recomendaram mais freqüentemente a colocação do aluno em classe especial para deficientes mentais, e previram dificuldades futuras para ele, quando o laudo era acompanhado da fotografia de um menino ou de uma menina não atraente do que quando era acompanhado da fotografia de um menino ou de uma menina atraente.

Nesse contexto, até mesmo o julgamento de psicólogos pode sofrer influências da atratividade física da criança que está sendo examinada. Elovitz e Salvia (1982) constataram que os seus sujeitos (324 psicólogos escolares) recomendaram a colocação de alunos em classes especiais para deficientes mentais mais freqüentemente quando o laudo era acompanhado de fotografias de crianças de baixa AFF do que quando era acompanhado de fotografias de crianças de alta AFF. Por outro lado, a recomendação para a colocação em classes especiais para portadores de distúrbios emocionais ou distúrbios de aprendizagem ocorreu mais freqüentemente para crianças de alta atratividade do que para crianças de baixa atratividade. Além disso, esses sujeitos previram diversas outras dificuldades futuras mais freqüentemente para crianças de atratividade baixa que para crianças de atratividade alta.

Em muitas outras situações, como a de formação de impressão, formação de casais, procura de emprego, julgamento de transgressões e atribuição de penalidade, percepção de desvios de comportamento e patologias, prescrição de serviços especializados, previsão de resultados de tratamentos especializados, etc., têm sido demonstrados os efeitos da AFF. Tais efeitos ocorrem no sentido de as pessoas com alta atratividade serem percebidas como mais adequadas e competentes e serem mais favorecidas que as de baixa atratividade.

Com o propósito de constituir um conjunto de estímulos a serem usados nos estudos sobre AFF, consistindo de fotografias de crianças em idade escolar, foi realizado um estudo para delinear um procedimento de avaliação da AFF de crianças através de suas fotografias (Omote, no prelo). A partir desse procedimento, foram constituídos dois conjuntos de fotografias, sendo um de 15 meninos e outro de 15 meninas. As fotografias foram escolhidas a partir da avaliação da AFF, sendo que, em cada conjunto de 15 fotografias, cinco correspondiam a níveis mais altos de AFF, cinco a níveis intermediários de AFF e cinco a níveis mais baixos de AFF.

O presente estudo tem duas finalidades. Em primeiro lugar, pretende-se verificar se realmente há, também no nosso meio, efeitos tão evidentes e salientes da AFF sobre a percepção de pessoas, como os que têm sido relatados na literatura especializada, já que quase a totalidade desses estudos foi feita nos Estados Unidos. Em segundo lugar, pretende-se verificar se esses conjuntos de fotografias servem como bons estímulos nas investigações sobre a AFF de crianças.

## MÉTODO

### Sujeitos

Atuaram como sujeitos 34 alunos do 1º e 2º anos de Pedagogia, que não haviam participado do estudo anterior, em que foi feita a avaliação da atratividade física facial de meninos e de meninas através de suas fotografias. A idade média das estudantes era de 22 anos.

### Material

Foram utilizadas 15 fotografias de meninos e 15 de meninas, sendo que, para cada sexo, cinco eram de atratividade alta (AA), cinco de atratividade moderada (AM) e cinco de atratividade baixa (AB). A atratividade física dessas fotografias havia sido avaliada no estudo anterior e essas 30 fotografias foram selecionadas de um conjunto maior, mediante procedimentos e critérios lá explicitados. Foi utilizado também um caderno contendo quatro folhas, sendo a primeira de instruções para execução de algumas tarefas e de um quadro a ser preenchido com dados pessoais do sujeito. As três folhas restantes eram iguais e continham uma lista de 50 adjetivos, ordenados alfabeticamente, sendo 25 de conotação favorável e 25 de conotação desfavorável. Esses 50 adjetivos faziam parte de uma lista maior utilizada como instrumento de coleta de dados numa pesquisa anterior sobre estereótipos a respeito de pessoas deficientes (Omote, 1984). A conotação favorável ou desfavorável desses adjetivos havia

sido avaliada nesse estudo prévio. Da lista original, foram escolhidos 25 adjetivos de conotação favorável e 25 de conotação desfavorável, que 12 juízes apontaram como sendo de qualidades que poderiam ser identificadas olhando para a expressão facial de crianças em idade escolar através de suas fotografias.

### Procedimento

Os sujeitos realizaram as tarefas em pequenos grupos, numa sala preparada para esse fim. Ao ser introduzido nessa sala, cada sujeito recebeu inicialmente a primeira folha do caderno para proceder à leitura das instruções e ao preenchimento do quadro de dados pessoais. Terminada essa tarefa, foram elucidadas eventuais dúvidas acerca das instruções sobre a realização das tarefas. A seguir, foi entregue a segunda folha do caderno, contendo uma lista de 50 adjetivos e acompanhada de uma fotografia. No alto dessa folha eram rerepresentadas resumidamente as instruções sobre a tarefa, que consistia em escolher 10 adjetivos que, na opinião do sujeito, melhor caracterizavam a criança da fotografia. Terminada essa tarefa, a folha foi recolhida e entregue a terceira folha, acompanhada de uma outra fotografia. Recolhida esta, foi entregue a quarta e última folha, acompanhada de uma terceira fotografia. Cada uma das três folhas contendo a lista de 50 adjetivos era acompanhada de uma fotografia, correspondendo cada folha a um nível de atratividade. Cada sujeito avaliou uma fotografia AA, uma AM e uma AB, só de meninos ou só de meninas. Os cadernos foram previamente colocados numa ordem, para que os sujeitos de número par recebessem fotografias de meninos e os de número ímpar, fotografias de meninas. Além disso, a ordem de apresentação das três fotografias de três níveis de atratividade foi randomizada.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos dados foi considerado o número de adjetivos negativos assinalados para fotografias de cada nível de atratividade física. Inicialmente, foram comparados esses números para as fotografias de meninos e de meninas. Para o nível AA, as fotografias de meninos receberam 26 citações de adjetivos negativos e as de meninas, 21 citações de adjetivos negativos. Para o nível AM, foram feitas 40 citações de adjetivos negativos para as fotografias de meninos e 55 citações para as fotografias de meninas. Para o nível AB, foram feitas 72 citações de adjetivos negativos para as fotografias tanto de meninos quanto de meninas.

Para verificar se houve efeito do sexo da criança, foi comparada a média de adjetivos negativos assinalados para as fotografias de meninos com a média correspondente às fotografias de meninas, para cada nível de AFA, utilizando o teste *t* para dois grupos randômicos (McGuigan, 1968). O número médio de adjetivos negativos assinalados para fotografias de meninos não difere significativamente daquele atribuído para fotografias de meninas, em nenhuma das três condições de atratividade. O sexo da criança-estímulo não produziu, portanto, efeitos diferenciados da atratividade sobre a percepção de outras qualidades dela. O resultado dessa comparação pode ser visto na Tabela 1.

**Tabela 1** – Número de adjetivos negativos assinalados para fotografias de meninos e de meninas, em função do grau de atratividade física

Níveis de AFF	Fotografias	Meninos (N=17)		Meninas (N=17)		t
		f	Média	f	Média	
AA		26	1,53	21	1,24	0,421*
AM		40	2,35	55	3,24	0,813*
AB		72	4,24	72	4,24	0,00

\*  $p > 0,05$ 

Esse resultado encontra apoio em alguns estudos onde foram também utilizadas fotografias de crianças como estímulos (Elovitz e Salvia, 1982; Ross e Salvia, 1975). Nesses estudos, adultos (psicólogos escolares e professores) fizeram julgamento da competência acadêmica de crianças em idade escolar, e o sexo da criança-estímulo não produziu efeitos diferenciados da AFF sobre esse julgamento.

Uma vez que não houve efeito diferencial do sexo da criança, foram reunidos os dados relativos a fotografias de meninos e os de meninas para fins de comparação dos números de adjetivos negativos assinalados para as fotografias AA, AM e AB. No total, as fotografias AA receberam 47 citações de adjetivos negativos, as fotografias AM receberam 95 citações de adjetivos negativos e as fotografias AB receberam 144 citações de adjetivos negativos.

Utilizando o teste de Wilcoxon (Siegel, 1956), verificou-se que as fotografias AA receberam significativamente menos adjetivos negativos que as fotografias AM ( $z = -2,11$ ;  $p < 0,02$  para teste unicaudal). As fotografias AM, por sua vez, receberam significativamente menos citações de adjetivos negativos que as fotografias AB ( $z = -2,02$ ;  $p < 0,05$  para teste unicaudal). O nível de AFF das crianças apresentadas através de fotografias influenciou, portanto, a percepção acerca delas. As crianças atraentes foram percebidas mais favoravelmente que as crianças menos atraentes.

Entre os 34 sujeitos deste estudo, 13 exerciam atividades docentes em nível de pré-escola ou das primeiras séries do 1º grau. Portanto, embora não estivesse previsto nos objetivos deste estudo, procedeu-se à comparação dos resultados apresentados por esses sujeitos com os dos demais 21 sujeitos que exerciam outras atividades ocupacionais. Em média, as 13 professoras assinalaram menos adjetivos negativos que o resto dos sujeitos que exerciam outras atividades, para cada uma das três condições de atratividade física facial. Entretanto, essa diferença não chega a ser estatisticamente significativa, conforme se pode ver na Tabela 2, onde consta o resultado da análise procedida através do teste t para dois grupos randômicos (McGuigan, 1968).

O resultado encontrado permite levantar a hipótese de que o engajamento numa atividade ocupacional em que a percepção e o julgamento de crianças e a interação com elas constituem e importante, como parece ser a atividade do-

**Tabela 2** – Número de adjetivos negativos assinalados para fotografias de crianças (de ambos os sexos) por docentes e não-docentes, em função do nível de atratividade física

Níveis de AFF	Tipo de ocupação	Professoras (N = 13)		Outras ocupações (N = 21)		t
		f	Média	f	Média	
AA		10	0,77	37	1,76	1,433*
AM		35	2,69	60	2,86	0,149*
AB		44	3,38	100	4,76	1,218*

\*  $p > 0,05$

cente, pode não levar as pessoas a serem menos suscetíveis aos efeitos da atratividade física. Aliás, há, na literatura especializada, relatos de evidências claras de que a AFF dos alunos influencia o julgamento que o professor faz da competência intelectual, educacional e social deles (Clifford e Walster, 1973; Kenealy, Frude e Shaw, 1988; Ross e Salvia, 1975), bem como a interação que os professores mantêm com seus alunos em sala de aula (Ádams e Cohen, 1974; Algozzine, 1976). Nessas condições, pode operar o mecanismo da profecia auto-realizadora (Rosenthal e Jacobson, 1968) e tomar real a relação percebida entre baixa AFF e pouca competência acadêmica de alguns alunos. Portanto, esse resultado pode ser uma indicação da necessidade de se incluírem estudos sobre esse tipo de assunto na formação de professores.

Algumas investigações relatadas evidenciaram que os efeitos da AFF podem não ser facilmente controlável, requerendo talvez conhecimento e treino especiais para a eliminação de julgamentos enviesados. No estudo realizado por Elovitz e Salvia (1982), até mesmo psicólogos escolares acabaram tomando a decisão de recomendar a colocação em classe especial, influenciados pelo grau de AFF da criança cuja fotografia era anexada ao laudo psicológico. A colocação em classe especial para portadores de distúrbios emocionais ou distúrbios de aprendizagem foi recomendada mais freqüentemente a crianças atraentes e a colocação em classe especial para deficientes mentais foi recomendada mais freqüentemente a crianças não atraentes.

O conhecimento que os psicólogos escolares tinham acerca das condições de distúrbios emocionais, distúrbios de aprendizagem e deficiência mental certamente não incluía o grau de AFF como uma variável correlacionada àquelas condições. Do mesmo modo, o conhecimento de Psicologia do Anormal que os sujeitos tinham não impediu que a AFF influenciasse a percepção de distúrbios psicológicos, no estudo realizado por Jones, Hansson e Phillips (1978). Os sujeitos indicaram a presença de distúrbios psicológicos mais freqüentemente para as pessoas de AFF baixa do que para as de AFF alta. Esse resultado foi obtido mesmo quando os autores alertaram os

sujeitos, informando que a AFF não tinha nenhuma relação com os distúrbios psicológicos e que, portanto, prestassem atenção a outros aspectos da face das pessoas-estímulo. Num estudo realizado junto ao Serviço de Aconselhamento destinado a universitários, Barocas e Vance (1974) constataram que os profissionais previam melhores resultados do aconselhamento para pacientes com AFF alta do que para pacientes com AFF baixa.

Os resultados encontrados neste estudo confirmam a existência, também no nosso meio, de visíveis efeitos da atratividade física facial de crianças sobre a percepção que se tem de outras características delas. Justifica-se, portanto, a realização de estudos mais amplos para verificar detalhadamente como esses efeitos operam na percepção e relação interpessoal.

Os resultados sugerem também que o conjunto de fotografias constituído através de um procedimento de avaliação da AFF (Omote, no prelo) parece adequado para esse tipo de estudo em que se pretende investigar efeitos da variação na AFF. As diferenças significantes encontradas nos números de adjetivos negativos assinalados, para as categorias contíguas de atratividade (AB e AM ou AM e AA), podem sugerir que esses níveis de atratividade são suficientemente diferenciados entre si.

## REFERÊNCIAS

- Adams, G. R., & Cohen, A. S. (1974). Children's physical and interpersonal characteristics that affect student-teacher interactions. *Journal of Experimental Education, 43*, 1-5.
- Algozzine, R. F. (1976). Attractiveness as a biasing factor in teacher-pupil interactions. *Dissertation Abstracts International, 36*, 7059-A.
- Argyle, M. (1976). *A interação social: relações interpessoais e comportamento social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- Barocas, R., & Vance, F. L. (1974). Physical appearance and personal adjustment counseling. *Journal of Counseling Psychology, 21*, 96-100.
- Clifford, M. M., & Walster, E. (1973). The effect of physical attractiveness on teacher expectations. *Sociology of Education, 46*, 248-258.
- Elovitz, G. P., & Salvia, J. (1982). Attractiveness as a biasing factor in the judgments of School Psychologists. *Journal of School Psychology, 20*, 339-345.
- Jones, W. H., Hansson, R. O., & Phillips, A. L. (1978). Physical attractiveness and judgments of psychopathology. *Journal of Social Psychology, 105*, 79-84.
- Kenealy, P., Frude, N., & Shaw, W. (1988). Influence of children's physical attractiveness on teacher expectation. *Journal of Social Psychology, 128*, 373-383.
- McGuigan, F. J. (1968). *Experimental Psychology: A Methodological Approach*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Miller, A. G. (1970). Role of physical attractiveness in impression formation. *Psychonomic Science, 19*, 241-243.
- Omote, S. (1984). *Estereótipos de estudantes universitários em relação a diferentes categorias de pessoas deficientes*. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Omote, S. Avaliação da atratividade física facial: delineamento de um procedimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Perrin, F. A. C. (1921). Physical attractiveness and repulsiveness. *Journal of Experimental Psychology*, 4, 203-217.
- Rosenthal, R., & Jacobson, L. (1968). *Pygmalion in the classroom; Teacher expectation and pupil intellectual development*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Ross, M. B., & Salvia, J. (1975). Attractiveness as a biasing factor in teacher judgments. *American Journal of Mental Deficiency*, 80, 96-98.
- Siegel, S. (1956). *Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences*. Tokyo: McGraw-Hill/Kogakusha.

Recebido em 18/03/91.